

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

ESPAÇO E TEMPO NA GEOGRAFIA QUE SE ENSINA

Ruy Moreira

Boletim Gaúcho de Geografia, 19: 75-79, maio, 1992.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38017/24501>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1992

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ESPAÇO E TEMPO NA GEOGRAFIA QUE SE ENSINA

Ruy Moreira*

O tema espaço e tempo é a chave do elenco das questões teóricas e práticas que historicamente povoam nossas discussões sobre a Geografia que se produz e se ensina. Entre elas estão o caráter meramente descritivo e a estrutura fragmentária do discurso de nossas aulas e dos nossos livros didáticos.

Onde estão o espaço e o tempo nesse discurso?

Nada há de mais difícil que localizar a noção de espaço e tempo empregada nos livros didáticos de Geografia. Na maioria, ela se dilui pelos capítulos sem explicitar-se em nenhum momento. Em alguns poucos, os de autores mais recentes, aparece como tema de capítulos específicos e que em regra são os que dão início ao livro.

Rastreando alguns didáticos.

Peguemos alguns livros da 5ª série do primeiro grau (vide bibliografia), dentre os atualmente em uso.

Em Melhem Adas, o espaço é o tema dos capítulos 1, 2, 3 e 4, e o tempo o é dos capítulos 5, 6 e 7. Espaço e tempo abrem, portanto, em Adas, o estudo da Geografia na escola. O espaço e a extensão física onde o lugar se localiza e se insere numa escala de rede concêntrica que vai do lugar mais próximo ao mais distante: a casa dentro do bairro, o bairro dentro da cidade, a cidade dentro do estado, o estado dentro do país, o país dentro do continente e o continente dentro do planeta Terra. E implica em localização (localizar é por o lugar na rede das coordenadas) e orientação (orientar é situá-lo nas referências dos pontos cardeais). O espaço é, portanto, o espaço da configuração cartográfica e trabalhar com o espaço na escola é fazer o aluno apreender a dimensionar cartograficamente o lugar: sua localização, sua orientação e sua inserção escalar concêntrica. O tempo é a sucessão cronológica das datações marcada pelos movimentos de rotação (sucessão dos dias e das noites: o tempo do relógio) e de translação (sucessão dos meses e dos anos: o tempo da folhinha do calendário) do planeta Terra. Tempo é portanto o tempo sideral. O tempo e o espaço se encontram quando o tempo se projeta na cartografia sob a forma dos fusos horários, e quando o espaço é visto como é em cá da sociedade na história.

Em Vesentini/Vlach o espaço e o tempo são entes abstratos. (os autores entendem o abstrato como o impalpável, o não-concreto) e são o tema do capítulo 1, portanto o que inicia o estudo escolar da Geografia. Para Vesentini/Vlach "espaço é onde as coisas existem", "onde os acontecimentos ocorrem", é aquilo que apre-

- Professor no Curso de Geografia da UERJ.*

- Este texto visa servir de guia para o trabalho orientado "Espaço e Tempo" do XIV ENCONTRO ESTADUAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA, AGE-Porto Alegre, realizado em Santa Cruz, em maio de 1994. Parte do seu conteúdo extrai de um trabalho de análise crítica, a mais ampla, dos livros didáticos de Geografia que preparo para publicação.

endemos "sempre que fazemos a pergunta onde?". O espaço é o que se refere ao lugar e é dele que estamos falando, ao falarmos de região, área, localidades, território, distância, etc. Visualizamos o espaço pelas referências topológicas de perto-longe, frente-atrás, acima-embaixo, etc, que são assim as referências de localização, orientação e rede escalar. O lugar implica numa inserção escalar em esferas concêntricas onde se sucedem a casa, a rua, o bairro, a cidade, o país, a superfície terrestre. Tempo "é aquilo no qual as coisas acontecem, mudam, se transformam" e cuja apreensão atingimos através da pergunta quando? É dele que falamos quando tratamos do período, momento, instante, época de qualquer acontecimento. Embora abstratos, podemos trabalhar com o espaço e o tempo porque são eles então também matemáticos, podem ser medidos. Trabalhamos com o espaço e o tempo trabalhando com suas medições e então descrições: a distância (centímetros, metros, quilômetros, etc), para o espaço, e a intensidade (segundos, minutos, horas; dias, semanas, meses; décadas, séculos, etc.), para o tempo.

Em Pereira/Santos/Carvalho o espaço e o tempo referem-se ao significado que através das coisas que o compõem o lugar tem para os homens que nele habitam. É que o lugar confere, através desse significado, identidade aos homens. Assim, a casa difere pelos objetos que a compõem de uma escola e uma casa da outra segundo a condição de classe social daqueles a quem pertencem esses objetos, como os móveis, os utensílios, etc, servindo pelos seus objetos específicos de referência de identidade aos homens no espaço amplo da sociedade em que vivem. Pelo método do reconhecimento do significado social através dos objetos que dão o caráter do lugar, o homem identifica os lugares, identifica a si mesmo aos demais homens. "O ponto de partida para estudarmos Geografia é justamente este: conseguir identificar o lugar onde estamos". Tão importante quanto esses elementos do espaço são as regras sociais que estabelecem a repartição dos homens entre os lugares, uma vez que o lugar é o que são essas regras e é a relação entre o seu e os outros tantos lugares a teia das relações da rede escalar onde se inserem os homens no âmbito do espaço geográfico. A disposição dessa rede, que captamos através da paisagem dos lugares, nos põe diante não mais que do próprio modo de existência dos homens. Tempo é esta estrutura de espaço quando visto pelo prisma do conteúdo social próprio a cada sociedade histórica.

Os enfoques do espaço e tempo

Em todos estes autores o lugar é a categoria central do espaço, e a ele estão ligadas as categorias distância e rede escalar. Para acharmos o lugar indagamos onde? E o onde se liga ao tempo: onde, quando? Têm em comum a constatação de que trabalhar com o espaço na escola é trabalhar combinando lugar, distância e rede escalar. As diferenças são mais numerosas. Em Adas e em Vesentini/Vlach o espaço e o tempo estão situados do lado de fora das relações entre os homens, estabelecendo uma relação de externalidade com eles e em Pereira/Santos/Carvalho o espaço e o tempo são as próprias relações entre os homens e assim situam-se dentro e interiormente a estas relações. A consequência dessa diferença é que para Adas e Vesentini/Vlach o espaço é o continente onde a natureza e a sociedade vão se conter, estando separados o continente e o conteúdo. Para Pereira/Santos/Carvalho o espaço e o tempo são a própria natureza e a sociedade. Em Adas e Vesentini/Vlach espaço e tempo são antes separados e distintos um do outro, separação e distinção que é mais absoluta em Adas e menos em Vesentini/Vlach. Em Pereira/Santos/Carvalho espaço e tempo se confundem e se

fundem sem deixarem de ser distintos, uma vez que concebem o lugar como a relação do aqui-agora.

Resumindo: para Adas o espaço é a extensão física externa ao homem; para Vesentini/Vlach é a topologia externa ao homem; para Pereira/Santos/Carvalho é a coabitação.

A força e o limite dos enfoques

Em ciência, ao contrário do futebol, as diferenças de enfoque não são mais que isso, diferenças. Todos os enfoques têm direito ao estatuto de validade e de reconhecimento enquanto tal, prática que é hora de introduzirmos no debate da Geografia que se ensina. Que riquezas e limites, então, cada uma dessas abordagens traz consigo para o nosso trabalho escolar da Geografia?

A noção física, tradição histórica da Geografia, que Adas incorpora, é a que melhor permite casar a Geografia com o mapa da cartografia tradicional. Trata-se de um conceito criado na Física Clássica (cartesiano-newtoniano), que se transporta a partir do século XVIII para os demais campos científicos e que com Ritter chega à Geografia no século XIX, onde vai se casar com o cartesianismo já presente na forma da cartografia de Mercator, para ser a base conceitual tanto da Geografia Física quanto da Geografia Humana. Por isso que é ela a noção de espaço e de tempo que encontramos embasando todos os livros didáticos de Geografia desde Delgado de Carvalho e Aroldo de Azevedo até os autores do presente, como Elian Alabi Lucci e Guiomar Goulart de Azevedo, onde o capítulo do espaço se confunde com o da cartografia (capítulo 5 em Lucci e capítulo 2 em Azevedo). A novidade em Adas vem desse autor dedicar ao espaço e ao tempo capítulos explícitos e distintos, mas ainda confundindo o espaço com a cartografia e o tempo com o movimento dos astros, como vimos. A questão está nos limites muito imediatos da noção física. Um limite que é visível no momento em que do conceito puro Adas passa para o do espaço como espaço construído pelo homem (todos os demais capítulos do livro). Adas não logra esta transposição, bloqueado por sua noção de externalidade do espaço-tempo em relação à sociedade, caminhando nos capítulos seguintes para a descrição e a fragmentação da organização geográfica do mundo. Um outro limite é que a representação geográfica fica restringida à dimensão matemático-geométrica da cartografia tradicional.

A noção topológica tem a vantagem de a um só tempo conter em si e ultrapassar a noção física. Esta ultrapassagem vem por conta da noção estrutural e senso-perceptiva, portanto humana e não apenas física, de espaço e tempo, propícia da pelo uso dos pares referidas ao homem (perto-longe, acima-abaixo, etc.). Permite assim que se trabalhe melhor em sala de aula a relação do homem com a natureza e a sociedade, via o seu espaço. Entretanto esta noção pouco alarga o horizonte da noção física, uma vez que ela mantém o problema essencial da externalidade da noção física, a despeito de que põe ênfase no contorno humano-sensível da geometria. Daí terem Vesentini/Vlach o mesmo problema de transposição da noção "abstrata" à noção "concreta" do espaço que vimos em Adas, e a mesma limitação da questão cartográfica.

A noção de coabitação é a que contém maior complexidade. Inclui a dimensão física, a dimensão topológica e ainda a histórico-social do espaço. Ao entender o espaço como dimensão física (espaço e tempo físico-geométricos), como dimensão perceptiva (espaço e tempo percebido-vividos) e como dimensão histórico-social do

homem (espaço simbólico e construído), a noção de coabitação permite que se combine o espaço e o tempo enquanto algo que se encontra do lado de fora (espaço físico, matemático e geométrico) e enquanto algo que se encontra no interior (fruto da criação do homem) das relações humanas, abrindo para a compreensão simultânea do espaço como físico, topológico e histórico. Desse modo, permite combinar o uso dos mapas da cartografia baseada na matemática e na geometria (chamemo-la "cartografia cartográfica") e o que devemos criar a partir de uma cartografia baseada nos conceitos do espaço como espaço historicamente construído pelo homem (chamemo-la "cartografia geográfica"). Em suma, já traz em si a possibilidade da passagem do plano da noção para o histórico-concreto do espaço e do tempo de modo a termos desde os capítulos iniciais até os últimos uma unidade orgânica, interpretada e holística da organização geográfica da sociedade e do mundo.

O trabalho com o espaço e o tempo no ensino da Geografia

O que não vemos realizar-se em Adas e Vesentini/Vlach vemos apontado, porém não realizado, em Pereira/Santos/Carvalho. O problema não está nos autores, mas numa cultura de conceitos que nos impregna e da qual só no tempo iremos superando. Há uma dificuldade de concretizar a totalização holística e orgânica que é maior no conceito com que trabalha Adas, ainda grande no conceito com que trabalham Vesentini/Vlach e que é possível superar com o conceito com que trabalham Pereira/Santos/Carvalho. Nenhum desses conceitos isoladamente é entretanto suficiente para ajudar-nos na superação dos problemas teóricos vigentes e que temos arrastados como um saco pesado.

Vimos que Adas e Vesentini/Vlach põem ênfase no plano das coordenadas, partindo dela para o espaço construído pelo homem e o mesmo Vesentini/Vlach, ao passo que Pereira/Santos/Carvalho põem ênfase no sentido das relações do espaço vivido e partem das relações do aqui-agora dos homens para o espaço construído e só depois trazem para dentro da estrutura dessas relações as dimensões físico-geométricas da cartografia tradicional de Adas. Se analisássemos as obras no seu todo, veríamos que a passagem do espaço físico e do espaço topológico (variante em Vesentini/Vlach do espaço físico) fica bloqueada em Adas, e em Vesentini/Vlach já no começo, por um problema de origem, e em Pereira/Santos/Carvalho fica sem se concretizar por não trabalharem de modo suficiente as noções do espaço físico (geometria das coordenadas) e do espaço topológico (percebido/vivido), enquanto mediações da organização geográfica da sociedade.

As possibilidades entretanto já estão postas. Falta assimilá-las, com muito trabalho, com iniciativas individuais e com muita autonomia crítica de cada professor diante dos livros didáticos. Superar essa fase é preciso. Mas isso só vem tentando, errando e acertando; e quando isso é feito com a seriedade intelectual que se pede. Até porque a fragmentação do mundo não é uma invenção da Geografia, mas da cultura ocidental.

Bibliografia

- ADAS, Melhem. Geografia 1, Noções Básicas de Geografia. São Paulo: Editora Moderna, 1992
- AZEVEDO, Guiomar Goulart Panorama do Brasil, Natureza e Sociedade, O Espaço Brasileiro. São Paulo; Editora Atual; 1990. Vol. 1

- LUCCI, Elhan Alabi Geografia - Homem & Espaço, São Paulo: 1990. vol. 1
- MOREIRA, Ruy O Discurso do Aveso (Para a Crítica da Geografia Que Se Ensi-
na), Rio de Janeiro; Editora, 1987
- O Círculo e a Espiral (A Crise Paradigmática do Mundo Moderno), Rio de Janei-
ro: Obra Aberta/Cooautor; 1993
- PEREIRA, Diamantino; SANTOS Douglas e CARVALHO, Marcos Geografia, Ciên-
cia do Espaço: Geografia dos Lugares. São Paulo, Editora Atual, 1993, vol. 1
- VESENTINI, J. W. e VLACH, Vânia Geografia Crítica: O Espaço Natural e a Ação
Humana, São Paulo; Editora Ática; 1992, vol. 1